

RESENHA: JESUS, Alexandro Silva de. **Corupira: mau encontro, tradução e dívida colonial.** Recife, Titivillus, 2019. 144 páginas.

Gabriel Ferreira De Brito¹

Corupira: mau encontro, tradução e dívida colonial é o primeiro livro de Alexandro Silva de Jesus, professor adjunto do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. Sua relação com o *Corupira*, contudo, não é atual. No ano de 2013, Jesus, junto a colegas de universidade, fundaram o grupo Curupiras: colonialidade e outras epistemologias (conferir também seu artigo *Curupira: ensaio sobre tradução e dívida colonial* (JESUS, 2016).

O livro se divide em: Prólogo por Rodrigo Acioli; DEMÔNIO, seu primeiro nome; DESDE EL PONTO CERO, revisto e comentado; BABEL, depois, antes e além; DISPOSIÇÃO museo-lógica; BIBLIOGRAFIA; PÓS-FACIO, um espelho quebrado, ou o anti-narciso: glosa a montante por Josias de Paula; e SOBRE O AUTOR. Há diversas ilustrações ao longo do livro: máscaras e gravuras em que o Corupira foi representado e que dão uma rica atmosfera para a curadoria da obra. Além disso, a edição do livro traz uma particularidade: a capa dura de textura aveludada, em tonalidade ocre e carmim, como um pêssago, provoca uma impressão única no *encontro com o “Corupira”* de Alexandro Silva de Jesus (doravante Jesus ou autor).

A editoração do livro ficou a cargo da Titivillus, editora independente dirigida por Rodrigo Acioli, que, inclusive, escreve o prólogo do livro. Acioli não apenas introduz o que está por vir, como tragédia e como devir, mas como [...] uma liberação crítica da *parte excedente* que jamais coube em nenhuma tradução. (JESUS, 2019. p. 17. Grifos meus). Isto é: Jesus, inspirado em (mas crítico de) Jacques Derrida, analisa fontes primárias e secundárias que vão dos séculos XVI ao XIX sobre o *corupira* (*curupira* ou *currupira*) e, a partir delas, investiga como o processo de tradução de um idioma (e/ou de uma epistemologia) para outro *produz um apagamento* da ex-

¹ Mestre em Sociologia e doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade federal de Pernambuco.
E-mail: gabrielmop@hotmail.com.

periência. Ao mesmo tempo, ela *cria* a dívida colonial. Isto é: a dívida colonial funciona como uma negociação em que o “credor” (jesuítas, naturalistas, antropólogos etc.) institui por meio da tradução a dívida a ser paga pelo “devedor” (índio) nos termos da epistemologia colonial (seja ela de cunho teológico, teogônico ou positiva). Cada capítulo do livro, portanto, descreve esse processo de traduções, de perdas, de colonização epistêmica e da produção sob-reptícia de uma dívida.

No capítulo I, Jesus apresenta uma primeira fonte: uma carta de José de Anchieta datada de 1560, e na qual o Corupira é traduzido como um demônio (p. 21). Essa tradução, contudo, não ignora o testemunho indígena, do que ocorre com os “brazis” (como são chamados os sujeitos autóctones na época). É aqui que aparece a *hipotese* – sem acento mesmo (cf. nota 2, p. 23)– do autor: “suponho que o constructo colonial, a cada vez de um seu devir, refaz a partir da problemática que lhe fosse intestina, a (ir)realidade *das forças lá, fora e antes dos textos...* (p. 24. Grifos meus). Lembremos que Acioli destacou no prólogo certa *parte excedente* que as traduções não conseguiam subsumir em suas impressões tipográficas; Jesus chama tal excedente de *forças lá, fora e antes dos textos*. Para o autor, na tradução reside o poder de uma língua ou do idioma falar sobre a experiência anterior à linguagem (p. 25), mesmo que se trate da experiência *do outro*. O que aproxima a hipótese do autor da tese de Spivak segundo a qual o subalterno não pode falar, tendo no exemplo do ritual de imolação das viúvas indianas “salvas” pela lei dos colonizadores britânicos um paralelo (SPIVAK, 2010).

No segundo capítulo, o autor traz de início uma *segunda impressão*, a dos oitocentos. A partir de outra fonte, um relato do naturalista bávaro Karl Friedrich Phillip von Martius, que trabalhou junto a Johann Baptiste von Spix, o autor inicia sua segunda análise (Cf. FITKAU, 2001). Ao que nos interessa, o autor diz que a impressão destes naturalistas, herdeiros da tradição positivista da ciência, “rasurou” (JESUS, 2019, p. 46) o que se imprimiu sobre o Corupira anteriormente. Agora, no século XIX, Corupira era: “fantásticas visões aterradoras” e “efeito de estômago vazio” (SPIX; MARTINUS, 1938, p. 156-7, apud JESUS, 2019 p. 46). A antropóloga Marilyn Strathern (2013) diria, pertinentemente, que esse jogo entre contextos ou épocas diferentes (“jogo livre”), aqui levado a cabo por Jesus, seria uma ca-

racterística comum ao pensamento “irônico” pós anos 1980 (pós-modernismo). O que aproximaria o autor dessas correntes se não pos-modernistas, quiçá pós-estruturais.

Ainda no segundo capítulo, Jesus contrapõe o pensamento dos naturalistas ao perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro. Essa é, aliás, uma das principais contribuições etnográficas de seu trabalho, já que a análise documental por ele realizada personifica o trabalho antropológico clássico de comparações entre *diferentes culturas*. Por outro lado, novamente o autor está jogando “livremente” (STRATHERN, 2013) com contextos díspares (naturalistas dos oitocentos e etnografias sob a rubrica da interpretação de Eduardo Viveiros de Castro).

No terceiro capítulo, a fonte principal a ser comentada advém de Couto Magalhães, general com “vocação” etnológica que, segundo certas fontes, seria um evolucionista e “monogenista-católico” ao mesmo tempo em que advogava um “nativismo indianista” comum ao pensamento “romântico” da época (Cf. MACHADO, 2000 apud TURIN, 2012, p. 786). O movimento etnográfico deste capítulo consiste em demonstrar que a tentativa de Magalhães buscou resgatar a “perda da experiência” de *lá, fora e antes do texto*, gerando um mito, uma teogonia indígena sobre o “currupira”. Porém, tal movimento não escapava de um mesmo processo de dívida colonial presumida e de perda de experiência decorrente da tradução. O autor chama esse processo de efeito etnográfico (JESUS, 2019, p 87). Ao fazê-lo, quer dizer que a teogonia indígena foi efeito da etnografia/tradução de Magalhães. Fica a *impressão*, contudo, de que o autor poderia ter se aprofundado nesse tema (efeito etnográfico), tão caro à disciplina etnográfica (Cf. PEIRANO, 1995; STRATHERN, 2014).

Ainda no terceiro capítulo, o autor contesta a tese de Derrida segundo a qual a tradução “bloquearia” o desejo imperialista desde Babel. Segundo Jesus, caso se contraponha o Pentecoste não como um evento de impedimento da *arqui-língua*, mas como continuação na tradução Corupira por ele demonstrada desde o século XVI, ver-se-ia que a tradução, na verdade, produziu o efeito colonial ao gerar a impressão que instaurou a dívida colonial e, por conseguinte, o desejo imperialista. Assim, a colonização seria uma suposta reparação e não um “cessar fogo” do dominante sobre o domi-

nado. Portanto, diferente de Derrida, Jesus não vê a tradução como “positiva”, mas sim como recurso linguístico alternativo ao uso da força e das armas que a ela dá *suporte*, como um arquivo colonial que se manifestará como uma disposição museo-lógica analisada no capítulo seguinte.

O último passo de Jesus é descrever o processo de disposição museo-lógica (p. 100). O autor demonstra como Luís da Câmara Cascudo “mata” o corupira, inserindo-o no folclore, ao lado de mitos e lendas de “outrora”. Ao mesmo tempo, Jesus demonstra como na *disposição museo-lógica*, os arquivos sobre o corupira se comunicavam, deixando traços e rastros múltiplos, ora como mito, ora como forças lá, antes e fora dos textos. No entanto, esses arquivos não foram utilizados pelo jesuíta do XVI, nem pelos naturalistas e o antropólogo do XIX.

Desta feita, pode-se dizer que Jesus abriu o arquivo Corupira, ao mesmo tempo em que refez um panorama dos efeitos das diferentes traduções geratrizes da dívida colonial que ele, como diz em “Notas sobre o autor”, “gritado negro – e desde então eu sou” (s/p), e no qual ele, que “escreve, então, para [se] desmanchar”, deixa sua impressão. Basta saber, agora, até onde essa nova impressão (nos) levará. E é isto que nos lembra Derrida (2001): a escrita sobre o passado é também uma escrita sobre o futuro. Entretanto, ao fundir diferentes contextos, nos perguntamos se Jesus também não imprimiu uma marca museo-lógica sobre o corupira, como uma pulsão de morte que talvez continue sempre como as forças lá, antes e fora do texto.

Referências

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro, Relume Damará, 2001.

FITKAU, Ernst Josef. Johann Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador no Brasil. **História, ciências, saúde**, vol. VIII (suplemento), p. 1109-1135, 2001. Suplemento. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500017 Acesso: 3 jan 2020.

JESUS, Alexandro Silva de. Curupira: ensaio sobre tradução e dívida colonial. In: DOUPHINEE, Elisabeth; RAVECCA, Paula (Edi.) Dossier: Ideas que solo se pueden contar: narrativa (y) política. **Crítica**

Contemporânea: revista de Teoria Política, dic. 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12008/9117>. Acesso: 3 jan 2020.

MACHADO, Maria Helena. Um mitógrafo no Império: a construção dos mitos da história nacionalista do século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.14, n.25, p.63-80, 2000.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von; SPIX; Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil**. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1938.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

STRATHERN, Marilyn. CRICK, M. R. et al. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia (seguido de comentários e resposta)**. Tradução e revisão técnica: Tatiana Lotierzo e Luis Felipe Kojima Hirano, São Paulo, Terceiro Nome, 2013. Antropologia Hoje.

_____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Tradução: Iracema Dulley, Jámille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo, Cosac Naify, 2014.

TURIN, O selvagem entre dois tempos. A escrita etnográfica de Couto Magalhães. **Varia História**, vol. 28, n. 48, Universidade Federal de Minas Gerais, BH, Brasil. julho-diciembro, 2012,. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000200014. Acesso: 3 jan 2020.